

MITO E RESISTÊNCIA

Helena Maria de Andrade CAPELINI*

RESUMO: A resistência política dos ferroviários é apreendida neste artigo através da dimensão cultural encarnada em um mito – o Chico Ferroviário – enquanto construção e ação coletivas desses trabalhadores, em contextos históricos marcados pelo autoritarismo.

UNITERMOS: Autoritarismo; resistência; cultura política; mito ferroviário.

I – Apresentação

Primeiro semestre de 1987. O curso “Trabalho, Dominação e Resistência” – parte da programação da Pós-Graduação da USP – acrescentou-se ao meu estar no mundo. Abrindo-se para questões novas, relativas ao mundo do trabalho, da produção, do cotidiano, das representações que os homens e mulheres fazem do seu viver, pensou a classe trabalhadora com outras vestimentas, dentro e fora do espaço do trabalho. Buscou nas ações não segregadas dentro dos limites do plano econômico, o significado múltiplo presente na construção do social.

É sob essa perspectiva que aqui busco suportes para minhas reflexões a respeito de um mito inusitado: o Chico Ferroviário.

Encontrei-o por ocasião de minha pesquisa de mestrado, em meio a papéis e gravações que guardavam retalhos da memória de ferroviários, recolhidos pelo Centro de Memória Sindical, em 1983. Figura apaixonante, por mostrar a criação-resistência de um grupo nos meandros de situações autoritárias.

Passo, ao leitor, aqui, primeiro o depoimento, para que guarde dele o conjunto. Em seguida, buscando uma lógica do reproduzido não em sua seqüência linear mas na idéia-força da criação, faço uma leitura. Outras serão possíveis, mas certamente não poderão deixar de lado alguns traços peculiares que nos revela a fala dos ferroviários.

Um deles aponta-nos as estratégias contidas na coletivização da luta, que muitas vezes precisam fazer uso de um potencial de criatividade especial, na descoberta de caminhos menos onerosos aos protagonistas diretos da resistência.

Nisso encontramos o Chico Ferroviário que, tendo nome, uma história, clichê e assinatura, entra nos espaços onde os ferroviários (em pessoa) não podem entrar.

* Mestre em Sociologia pelo curso de pós-graduação, área de concentração em Sociologia rural e urbana, ministrado no Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

O nome identifica a categoria mas conserva longe das mãos do *outro*, ou pelo menos em lugares de difícil acesso, os ferroviários que, no confronto, têm que denunciar e criticar as várias faces do mando e desmando dos interesses empresariais e estatais.

Acompanhar o relato dos ferroviários implica, no presente caso, perceber como eles organizam a sua memória coletiva e criam um personagem da resistência em tempo de maior repressão.

Uma representação que tem a consciência do ato criador e das especificidades desse ato, que é movimento:

“... então é bom que se explique que existiu essa figura que se sacrificou. Daí pra frente é que se criou... é lógico, se criou...”

II – Depoimento a respeito do Chico Ferroviário, feito por líderes ferroviários da Sorocabana, para o Centro de Memória Sindical (São Paulo) em 26/10/83

“Embora com o fechamento do Sindicato da Sorocabana, em 1939, havia associações paralelas: associações de maquinistas, de chefes de trens, associação disso e daquilo, que faziam o trabalho paralelo, dando assistência ao Sindicato. Quando ele foi fechado, quer dizer que o movimento de luta do trabalhador ferroviário não morreu, continuou fora do Sindicato...”

Mas a Associação-mãe era a Associação Profissional dos Ferroviários que nasceu na clandestinidade e viveu algum tempo na clandestinidade. Então, em pleno Estado Novo existia essa associação clandestina... Quer dizer, todo mundo sabe que em qualquer regime ditatorial existem os trabalhadores organizados.

Eu vou deixar uma coisa que é para a memória... Nós temos na ferrovia, na Sorocabana, uma figura lendária que se chama “Chico Ferroviário”. Esta figura lendária, quando há necessidade de que saia algum documento que ninguém deve assiná-lo, então esse documento sai assinado “Chico Ferroviário”. Esta assinatura de Chico Ferroviário é respeitada até pelos inimigos da categoria dos ferroviários, até pelos inimigos da classe operária...

Sempre que houver necessidade este Chico Ferroviário estará lá.

O Chico era um trabalhador ferroviário, ele existiu mesmo... Formaram um julzo sobre o Chico Ferroviário e então apanharam a história da sua extinção (morte), então se criaram vários aspectos sobre este Chico Ferroviário. “Não, ele era um trabalhador, ele fez isso, caiu uma tromba d’água e ele morreu de noite e tal”. Então esta é a figura do Chico Ferroviário. Mas após o seu desaparecimento. Em vida ninguém sabia quem era Chico Ferroviário... O Chico Ferroviário existe e não existe. Ele existe no coração da classe operária, no coração dos ferroviários. Sempre que há necessidade que saia um documento pelo qual ninguém pode assinar. Porque um documento contra um chefe, contra uma ditadura, contra uma coisa mais pesada, ou às vezes um documento para dar nome de companheiros que não ajam direito... O Chico Ferroviário é a consciência do ferroviário. E esta consciência... E esta consciência não é deturpada por ninguém. Isso que é importante. Mesmo os ferroviários que se colocam às vezes contra os interesses dos ferroviários, jamais, em tempo algum, eles fizeram um documento contra o Chico Ferroviário.

Porque existe a figura do Chico Ferroviário e é uma figura lendária. Então, além do nome tem o clichê dele que sai. Quer dizer, isso é um documento, minha gente, que vale mais do que... valeu no passado mais do que assinatura de governador...

...O Chico Ferroviário é pela simplicidade, pela humildade, pela bondade, pela firmeza de posição que criou, compreende nele o elemento de mais confiança dentro da organização de classe...

E nós precisamos aqui fazer um paralelo com o Chico Ferroviário... Vocês conhecem aquele livreto de Monteiro Lobato? O Jeca Tatu... Ele criou o Jeca Tatu... Mas pegaram como?

Como o trabalhador mais humilde, que numa noite tempestuosa correu pra cercar um trem porque tinha rodado uma barreira, e ele se sacrificou para salvar o trem.

Daf nasce a figura lendária do Chico Ferroviário.

Se ele tem família? Se é fácil achar a família dele?

Não, não... isso é de longa data. Não... isso não é o problema. Porque pra nós é a imagem da ilegalidade. Então, sai a figura do macacão, etc. Não é o Chico dele... O Chico que nós botamos foi baseado nesta personalidade. Um homem puro, decente, honesto, digno.

Ele não pode ser uma pessoa. Hoje ele é um mito, mas ele foi uma pessoa. Hoje ele é um mito, que é importante. É um mito que sai em documento, assinado por Chico Ferroviário e com aquela figura que nós conhecemos, quer dizer, o ferroviário conhece, o ferroviário tem...

Se vocês perguntarem para mim onde está, eu não sei. Mas está por aí... Mas quando sai um documento assinado Chico Ferroviário, minha gente, é lei.

... então é bom que se explique que existiu esta figura que se sacrificou. Daf pra frente é que se criou... é lógico, se criou...

Só nas horas mais necessárias é que se usa o Chico Ferroviário.

Quando alguns companheiros se reuniram pra trair a classe, por exemplo.

... Isso foi... estávamos fazendo um movimento reivindicatório. Então a administração, como todo patrão faz... Então, nesta altura, é lógico que a administração também começava a se organizar para contrapor à organização dos trabalhadores. Mas enquanto esta organização deles não vinha atingir a ninguém, quer dizer, todo mundo tinha direito de opção, de ficar de um lado ou de outro; isto é um direito sagrado. Mas quando este direito começava a ir além, quando havia negócios, quando havia qualquer coisa mais escusa, vamos dizer, então o Chico Ferroviário ia denunciando... Porque sempre nestas reuniões tem alguém, né... e transpira o que se passa lá dentro. Então nós tínhamos caso de reunião sendo feita às 10 horas da noite, aqui na Sorocabana, e quando chegou, às 7 horas da manhã, o Chico Ferroviário já estava na linha inteira de São Paulo a Porto Epitácio e a Itararé, denunciando e contando o que tinha acontecido nesta reunião.

... Em 63 ele foi acionado... Houve uma... não vamos dizer em memória ao falecido não é?; espero não ter que dar o nome... mas houve uma traição no nosso movimento grevista da Mogiana, Paulista e Sorocabana. Isso vai ficar na história?

Eu estava numa reunião da Paulista com os companheiros da Sorocabana, da Mogiana e da Paulista, no Sindicato da Paulista. Em 63. E houve qualquer coisa lá e a Paulista voltou ao trabalho. E como eu disse antes, a Mogiana agüentou mais dois dias. Agüentou oito dias e os companheiros da Sorocabana agüentaram dezoito dias. Mas no dia seguinte, eram 2 ou 3 horas da manhã mais ou menos, naquela madrugada mesmo, o Chico Ferroviário já percorreu o Estado de São Paulo, denunciando o Sindicato traidor. Não o sindicato; a pessoa que representava o sindicato, o presidente... que por motivos políticos, foi os mais altos interesses pessoais dele e político do que os da categoria. E que em consequência levou 46 companheiros nossos da Sorocabana para a rua da amargura e que só foram readmitidos agora recentemente, alguns...

Então o Chico Ferroviário é isso. Ele é acionado sempre que necessário, seja na Paulista, na Mogiana, na Sorocabana, em qualquer lugar..."

III – CHICO FERROVIÁRIO – “Se vocês perguntarem para mim onde ele está, eu não sei. Mas está por aí.”

“Ninguém vai me ver! Atravessarei as cidades, entrarei nas casas, andarei nos corredores. Ninguém vai me distinguir! Inútil colocar vigilantes. Nem postos de controle, nem compadres, nem espiões vão adiantar. Sou de cristal! Sou invisível (...) Sou de ar! Pura sombra! Nunca vão me capturar! Sou fumaça!”

(Manuel Scorza, *Garabombo – O Invisível*)

Trabalho, dominação e resistência – termos de relações complexas e não simples vértices daquilo que toma, na aparência, a forma triangular.

O olhar mais cuidadoso descobre que o triângulo se desfaz e multiplica formas, nem sempre obedecendo às leis da geometria. Ainda no primeiro instante, a teia assume o lugar, mostrando a complexidade por tratar-se de relações entre os homens – tendo as coisas por intermediárias. Precisa ser desvendada, por não ser pré-fixada a ordem que orienta o entrelaçar de seus fios.

Os homens, ao tecer suas relações, não o fazem como a aranha que constrói sua proteção/armadilha, distribuindo seus fios de seda em uma ordem sem grandes alterações. Os homens podem montar (e efetivamente o fazem) “coisas” novas. Nessa construção, certamente têm importância leis e normas, instituições e práticas, história e cotidiano... Não simplesmente conferem economicidade às suas relações. Estão elas impregnadas também das representações que delas fazem, de atos políticos, de religiosidade, de emoções etc...

Variada, portanto, é a trama.

(Des-)cobri-la exige uma incursão pelos caminhos do diverso, muitas vezes tendo de imediato apenas pedaços como pistas. É efetivamente isso que agora temos por motivadores da nossa reflexão. São pedaços de uma história, mas que se oferecem como possibilidade de uma história “completa”. Mais especificamente, são trechos de uma experiência que deu origem a um mito o Chico Ferroviário.

É essa a figura que tomo aqui como núcleo para a reflexão. Figura múltipla em sentido, que tem por forma – nomeada por seus construtores – a de um mito. Nada ortodoxo, é verdade, na medida em que escapa a qualquer rigidez conceitual. Foge, por exemplo, à expressão puramente antropológica, original. Não se submete à prisão semiológica que identifica como função do mito “transformar uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade” (2:163). Não se ajusta ao pré-traçado, por isso vemos o Chico Ferroviário enquanto apropriação/criação/recriação também conceitual.

A leitura, buscando a “lógica” da montagem, percorre um caminho invertendo, na medida do necessário, a ordem do relato. Passa do texto ao contexto e volta ao primeiro, procurando extrair a significação que as palavras das bocas dos homens escondem e revelam.

Ponto de partida, a narrativa nos leva ao “Estado Novo”, marcado, entre outros traços, por um contexto político autoritário, ampliando o espaço sujeito às ações repressivas dos aparatos do Estado. O fechamento do Sindicato dos Ferroviários da Sorocabana, em 1939, faz parte

dessas ações. Em resposta, os ferroviários se articulam para fundar uma organização clandestina a Associação Profissional dos Ferroviários, o que hoje lhes permite afirmar que “todo mundo sabe que em qualquer regime ditatorial existem os trabalhadores organizados”.

A repressão tem, portanto, um duplo sentido: exprime o caráter violento do poder e fornece, no mesmo ato, as bases pedagógicas para a criação do seu contrário – a resistência.

Tempo de criação de formas de resistência não institucionalizada é esse também o tempo de construção do Chico Ferroviário. As características que o definem enquanto instrumento peculiar da negação à obediência trazem as marcas do contexto em que se torna vivo.

Em sua origem está uma pessoa, ou melhor, um trabalhador que em um dia de tempestade sacrificou-se para salvar o trem. Em seu corpo frágil de “trabalhador humilde, simples” o trem encontrou a proteção suficiente contra os trilhos defeitos por uma “tromba d’água”. Da veracidade desse fato original pouco sabemos. Também, não muito importa se o que buscamos é o fato mesmo da sua transmutação nessa figura-força que tem uma assinatura, uma imagem e que efetivamente age como sujeito coletivo, numa dialética entre o mostrar-se e o ocultar-se como mecanismo de pressão, de luta.

“... ele era um trabalhador.”

As circunstâncias do real, inscritas na origem do personagem, da “...*figura lendária*”, anunciam-se na palavra que veicula a memória não como um dado, mas enquanto re-construção do vivido. Isso, considerando que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho (...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual”. (4:17)

Com clareza, o depoimento nos revela:

“... então apanharam a história da sua extinção, da sua morte, então se criaram vários aspectos sobre este Chico Ferroviário...”

Nessa apropriação-criação, vai havendo um deslocamento de sentido, um deslizamento onde os símbolos já existentes vão ganhando outras vestimentas, outras significações. Como condição não simplesmente de expressão, mas de existência mesmo do imaginário, o simbólico vai armando-se em um campo onde o virtual passa a qualquer coisa a mais.

Aqui, do anonimato forjado na privacidade da família, de um corpo, passou-se a uma imagem pública que “... *é pela simplicidade, pela humildade, pela bondade, pela firmeza de posição*.”. Como tal, foi ganhando contornos enquanto criação coletiva, construída nos terrenos previsível e imprevisível da prática política de uma categoria profissional.

Diferente dos homens de quem se guardam os nomes inteiros, os feitos, a biografia, Chico Ferroviário não imortalizou-se em objetos que fez, pensamentos que pensou e nem mesmo em ações várias que praticou. A consciência do outro (na verdade, seu par) é quem captou sua ação e, reconhecendo-a heróica, deu passagem à criação.

Sua passagem de pessoa a “mito”, portanto, não é simples mudança de estado (do físico ao sobrenatural). Mais que isso, assume uma outra condição, tendo por força geradora um processo que comporta complexas mediações e, ao mesmo tempo, transpõe os limites da passagem de pessoa a indivíduo. Diferente é a sua entrada e permanência no espaço público.

“Ele não pode ser uma pessoa. Hoje ele é um mito, mas ele foi uma pessoa.”

Consideramos, com Roberto da Mata, que "... somos pessoa em casa ou com amigos, quando o mundo é englobado pelos valores da casa; mas somos indivíduos na rua e no trabalho, quando o mundo social é englobado pelos valores das leis universais que, teoricamente, valem para todos".*

Tendo isso em vista, percebemos a construção do indivíduo como condição essencial para existência do espaço público. E, voltando ao Chico Ferroviário, lembramos que o seu "nascimento" se reporta a um contexto marcado pela perda do espaço público; pela cassação da palavra a homens e mulheres de "carne e osso", forçados a circunscreverem-se à privacidade; privados que foram do seu direito à cidadania.

O poder desdobra-se aqui em sua dupla face: negatividade e positividade. Se, por um lado, o interdito aos homens e mulheres opera em um campo que fixa leis e normas rígidas, as ações, por outro, não cabem todas neste campo estrito que cerceia a expressão das condições para que haja história. Forçando as barras da prisão, o corpo resiste a submeter-se à sua dimensão puramente física e coloca-se enquanto corpo político. Nessa resistência, nega o isolamento e o desenraizamento e reconstrói a capacidade política, a faculdade de agir que o possibilita situar-se em um lugar reconhecido.

Esse situar-se, no caso específico da construção cultural-política dos ferroviários em estudo, fez necessário o uso de recurso que, ao encobrir os sujeitos reais, possibilitou a sua ação. Exigiu, por outro lado, que a passagem de pessoa a indivíduo se fizesse por caminhos novos, na medida em que se propôs a "dar à luz" um indivíduo coletivo, possível ao assumir o corpo etéreo de um "mito", conforme os interesses da resistência ferroviária.

Ao compor-se, no mesmo instante, de visibilidade e invisibilidade, o personagem é um recurso para a não identificação individual dos protagonistas. E, ao assumir essa dupla conformação, a figura lendária parece dizer: "Estou no mundo, não de uma forma qualquer; não cabisbaixo enquanto vencido, mas confiante enquanto lutador; sobrevivo e resisto a situações armadas de muitas ciladas."

O recurso ao mito dá condição à dupla função do Chico Ferroviário: ele veicula a palavra que comunica e que revela, ao mesmo tempo, a perda do espaço público (que impõe o silêncio aos "vencidos" em contextos políticos autoritários) e, com isso, dá vazão à palavra viva e à ação dos ferroviários. Em outros termos, ele se coloca como instrumento de denúncia do silêncio imposto e de recuperação da voz e da ação dos ferroviários em situações específicas.

Chico incorpora o coletivo, embora isto não ser traduza, necessariamente, na construção e expressão de um projeto que possa imprimir organicidade à prática dos ferroviários, levando-a a ter um teor expressamente transformador, numa fase marcada pela face da repressão e amortecimento.

O apelo ao mito revela ainda, de um lado, a expressão da busca de uma identidade pelos ferroviários, guardadas as diferenciações; de outro, a consciência das dificuldades em transformar suas práticas em ações diretas (***) de resistência.

* Percebendo a oposição entre um e outro espaço, Roberto da Mata completa: "O espaço da rua (...) é um espaço marcado pela história... Nele somos sempre seres de uma temporalidade transformadora e pública, um tempo de somas e acumulações sociais que contrasta, sem que tenhamos consciência, com o universo de duração da casa." (6:164)

*** Por "ações diretas" entendo, aqui, formas de manifestação onde os que resistem não estão encobertos por nenhum artifício.

As qualidades do “mito” não são aleatórias na busca dessa identidade. Por isso debruçemo-nos um instante sobre recortes do depoimento:

“... Mas pegaram como? Como o trabalhador mais humilde, que numa noite tempestuosa correu pra cercar um trem porque tinha rodado uma barreira, e ele se sacrificou para salvar o trem (...) O Chico Ferroviário é pela simplicidade, pela humildade, pela bondade, pela firmeza de posição que criou, compreende, nele o elemento de mais confiança dentro da organização de classe...”

Nessa fala coletiva, importam não só os passos, mas também seu sentido e forma. O intrincado da relação nos revela uma realidade a um só tempo objetiva e subjetiva. Nesse processo, a fala exprime uma forma de estar no mundo, que implica “... uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação; entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada”. (3:177)

Não estaria aqui algum “germe” da tomada de consciência de uma polarização? Não se anunciariam aqui os sinais que situam os campos de ação dos “pequenos” e dos “grandes”? O fortuito não parece ter o maior espaço na construção dessa imagem que não é pura imagem. É também corpo, nome, voz. É ação construída e reconstruída nos caminhos da luta. O presente nega e afirma o passado, num movimento de apropriação onde a figura mais oprimida ganha conteúdo novo, político, questionador. Para viabilizar essa trans-mutação, “... pegaram como?”. O responder traz a matriz, a história “primitiva”, que sofreu a mutação no trânsito do tempo e do espaço de uma categoria. Traz qualidades e talentos anunciadores de “o que” é Chico Ferroviário mas que, pela singularidade desse sujeito – que é síntese de tantos outros – abre-se para a revelação de “quem” fala e age.

Nele não falta a ambigüidade do sacrifício como expressão da ambigüidade da própria categoria que nele se incorpora: o trem se, por um lado, é o instrumento de sua opressão é, por outro, o veículo de sua possível consciência coletiva, como se confirmasse uma idéia expressa por G. Fock: “Toda canção de liberdade vem do cárcere”. (5)

Músculos e ossos, opressão e trabalho estão em suas raízes sem data.

“... então apanharam a história da sua extinção, da sua morte, então se criaram vários aspectos sobre este Chico Ferroviário...”

Fim e começo aqui se relacionam dialeticamente no rompimento com a morte. A ressurreição de Chico pode ser lida como a tentativa de fazer da morte vida; de romper com a escuridão, o isolamento, o silêncio do desaparecimento compulsório. Não é possível a vida sem a morte, sob a perspectiva de nossa análise. Por isso, o Chico só ganha expressão, só se revela aos outros homens após o seu “desaparecimento” que, ao ser dado por seu ato supremo, possibilitou sua permanência entre os homens. Permanência modificada por esses próprios homens, é verdade.

“Em vida ninguém sabia quem era o Chico... Ele estava morto.”

Se, para alguns, o “outro mundo” – o mundo dos mortos – “está marcado pelo signo da eternidade e da relatividade” e “é também uma realidade social marcada por esperanças, desejos e vontades que aqui ainda não se puderam realizar pessoal ou coletivamente” (6:165), então o Chico – enquanto mito – circula no espaço da relação entre vida e morte, tornando-se, concretamente, um elo de ligação entre as pessoas de um grupo, em suas relações com outros.

Por já ter vivido plenamente, completado o ciclo, transposta a barreira do tempo vivido; por ter caminhado em espaços negadores das horas, minutos e segundos contados; por ter experimentado a liberdade da morte, o Chico pôde retornar, transformado, trans-figurado. Assumindo um novo estatuto, sai do anonimato e, na memória coletiva, constrói-se como algo inviolável e reconhecido.

Mais uma vez, a criatura nos revela seus criadores se considerarmos que "... a memória e o dom de lembrar dos quais provém todo desejo de imperecibilidade, necessitam de coisas que os façam recordar, para que eles próprios não venham a perecer." (1:183)

É uma figura forte, que inspira respeito e desfaz-se do corpo da lenda ao assumir o corpo de uma fração da classe trabalhadora.

"... quando há necessidade de que saia algum documento que ninguém deve assiná-lo, então esse documento sai assinado, Chico Ferroviário."

A importância da assinatura expressa a saída do anonimato, imposto pela repressão. O sujeito se esclarece enquanto coletivo. Nega o medo através de armas que não expõem ninguém e passa a mensagem. Como o herói Garabombo, do romance* de Manuel Scorza, parece dizer

"Ninguém vai me ver! Atravessarei as cidades, entrarei nas casas, andarei nos corredores. Ninguém vai me distinguir! Inútil colocar vigilantes. Nem postos de controle, nem compadres, nem espiões vão adiantar. Sou de cristal! Sou invisível! (...) Sou de ar! Pura Sombra! Nunca vão me capturar! Sou fumaça!"

Assim, travestido de ar, percorre espaços proibidos sob uma forma eficaz de romper o silêncio; de deixar solto o grito de alerta, o grito denunciador da opressão vivida no cotidiano. Rompe, enfim, com o "silêncio dos vencidos", por não se reconhecer plenamente vencido, embora se reconheça como dominado.

No passo e compasso da história vivida, o personagem constrói-se e se movimenta no campo ilegal, anunciando novos possíveis. Mais uma vez vem à tona a criatividade no ato de resistir. Ultrapassam-se os obstáculos impostos pela legalidade ilegítima ao reconhecer-se que

"... pra nós é a imagem da ilegalidade."

Chico Ferroviário é uma figura que está sempre alerta nos momentos de maior autoritarismo. Não descansa nem dorme em combate. Pronto a ocupar seu lugar na resistência quando é chamado. Sua participação é, portanto, de tempo integral, ou melhor, rompe com o tempo do relógio, com a cadência das horas, com o tempo imposto pela opressão do trabalho. Guarda seu vigor por *ser e não ser*. Por incorporar o movimento como traço fundamental; por ser identidade em processo, não cristalizada. Desloca-se, reconstrói-se, ocupa vários lugares num só instante. Fala pelo papel aquilo que não pode sair diretamente da boca do ferroviário.

A ruptura não é só com o tempo do relógio. Vai além-e completa o circuito da existência. Afirmação e negação.

"... O Chico Ferroviário existe e não existe (...) Ele existe no coração da classe operária, no coração dos ferroviários."

Construído para estar longe do alcance das mãos do *outro*, o mito aqui surge como rompimento com a uniformidade, ao romper com os dados da rotina cotidiana e anunciar que pode estar presente

"... sempre que há necessidade."

* Garabombo, *O Invisível*.

Não falamos aqui das necessidades físicas da vida, aprisionadoras de corpos que precisam garantir sua subsistência, como garantia para a sobrevivência da espécie. Falamos, isto sim, de necessidades embutidas em circunstâncias que cercam os momentos mais difíceis de um confronto. É nesses momentos, quando a lógica do poder podem associar-se formas mais explícitas de violência, que o Chico Ferroviário está denunciando as arbitrariedades “legitimadas” pela hierarquia.

Sem medo de ser despedido, porque é fluido que compõe-se da história, o Chico assina

“... um documento contra o chefe.”

Sem medo de ser preso, torturado ou mesmo assassinado – porque está além das possibilidades das fechaduras; além da dor provocada pelos instrumentos de tortura; por já ter rompido uma vez as barreiras entre a vida e a morte no ato de ressurreição – o Chico Ferroviário pode assinar

“... um documento contra a ditadura, contra uma coisa mais pesada...”

O personagem observa, critica, denuncia os elementos de fragmentação da resistência. Não só o patrão e o Estado, enquanto poderes articulados, são seus alvos. Também entre os ferroviários são identificados os que promovem as fissuras. Por isso o Chico também assina

“... um documento para dar nome de companheiros que não ajam direito.”

As condições excepcionais que o cercam – existir e não existir, passado e presente, morte e vida – como pólos que não se excluem mas se imbricam, fazem dele uma figura de síntese:

“... o Chico Ferroviário é a consciência do ferroviário.”

Sintetizando uma linguagem da resistência, porta-voz de uma “classe”, a figura lendária coloca-se a salvo do uso indevido:

“... mesmo os ferroviários que se colocam às vezes contra os interesses dos ferroviários, jamais, em tempo algum, eles fizeram um documento contra o Chico Ferroviário.”

Um nome, uma imagem, uma história: esse conjunto confere à assinatura do Chico o estatuto de um documento:

“Então, além do nome tem o clichê dele, que sai. Quer dizer, isso é um documento, minha gente, que vale mais do que... valeu no passado mais do que assinatura de governador.”

A figura de macacão rompe assim os limites impingidos pelo poder e já não é mais, simplesmente, aquele do sacrifício.

“Não é o Chico dele...”

À humildade sobrepõe-se a coragem e ele se torna o arauto da “classe”; metamorfoseia-se através do tempo histórico como construção de uma identidade que perdeu sua individualidade primeira e ganhou expressão de coletivo.

Os seus passos não estão ao alcance das armadilhas porque, apesar da força de sua presença e ação, a “natureza” de seu corpo tem forma e sentido, mas há ausência de peso físico ao tornar-se mito.

O peso político substituindo o físico mostra que a mitologia aqui não é a arma do *outro*; não tem por função “transformar uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade”.* Nem é, por outro lado, uma “consciência ingênua” da realidade.

Sua força está justamente na concretude de sua crítica, que sai à rua e localiza em público o antagonista.

Invisível, se protege contra a prisão, mas deixa a certeza de sua presença nas palavras dos documentos e na representação dos ferroviários.

“Se vocês perguntarem para mim onde ele está, eu não sei. Mas está por aí...”

CAPELINI, H. M. de A. – Myth and resistance. **Perspectivas**, São Paulo, 11: 83-92, 1988.

ABSTRACT: The political resistance of the railway men is apprehended in this paper through the cultural dimension embodied in a myth: “Chico ferroviário” (the railway man), this political resistance is seen as collective action and construction of these workers in face of the historical facts marked by the authoritarianism.

KEY-WORDS: Authoritarianism; resistance; political culture; railway myth.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARENDT, A. – *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1983.
2. BARTHES, R. – *Mitologias*. 6.ed. São Paulo, DIFEL, 1985.
3. BERGER, P. & LUCKMAN, T. – *A construção social da realidade*. 6.ed. Petrópolis, Vozes, 1985.
4. BOSI, E. – *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz Ed., 1983.
5. FOCK, G. Apud. HARDMAN, F. F. – *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1983. cap. 3. p. 138.
6. MATA, R. da – *A casa e a rua*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

* A Semiologia assim identifica o *mito* como parte do processo da ideologia burguesa, sendo portanto um instrumento apropriado para a inversão ideológica. Em *Mitologias*, p. 163, Roland Barthes, ao refletir sobre o mito, expõe que “A Semiologia ensinou-nos que a função do mito é transformar uma intenção histórica em natureza. Uma contingência em eternidade (...) o mito é uma fala despoliticadora”.(2)